

## Joelmir Beting ESTADO DE SÃO PAULO

*"A vida econômica equilibra-se entre a busca da satisfação e a negação do sacrifício"*

Alfred Marshall (1842-1924), matemático e economista inglês



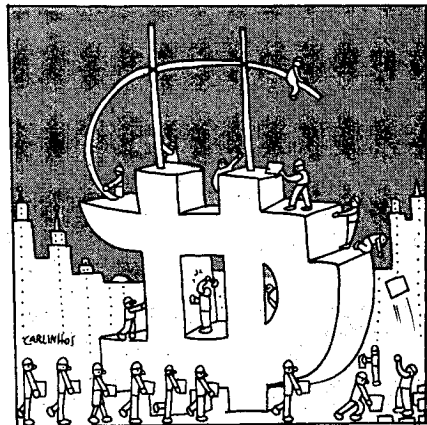
## Keynes no Brasil

Em novembro de 1923, o cidadão alemão chegou a pagar 4,7 bilhões de marcos por uma única salsicha. Em outubro de 1929, em apenas três dias, a Bolsa de Nova York amargou um tombo, a dólar de hoje, de US\$ 134 bilhões. Os investidores suicidaram-se em Wall Street.

□□□ Esses dois eventos, aparentemente isolados, juntaram-se para proclamar a falência do laissez-faire capitalista e do laissez-passar marginalista. O mercado livre passou da utopia para a falácia: simplesmente não conseguiu reaprumar-se por sua própria conta e risco. Não era auto-regulável e pronto. Teria de admitir intervenções corretivas do Estado na desordem econômica capitalista. Por exemplo: o New Deal de Franklin Roosevelt, novo paradigma do presidente Itamar Franco.

□□□ Foi naquele ambiente apocalíptico que o bem equipado economista inglês John Maynard Keynes (1883-1946) construiu a grandiosa Teoria Geral do Emprego, do Juro e da Moeda. Lançada em 1936, a Teoria Geral redefiniu o papel do Estado na economia de mercado e trombou de frente com a ortodoxia reinante (e quase excludente) do liberalismo e do marginalismo. O primeiro, possessor da prática econômica, desde Adam Smith (1723-1790). O segundo, usineiro da análise econômica, desde Alfred Marshall (1842-1924). Keynes foi aluno de Marshall.

□□□ Marshall pregava que a produção cria o próprio consumo — quando em liberdade de mercado. Keynes estabeleceu que o eixo do sistema está no tama-



nho da demanda e não no volume da oferta. Logo, o tamanho do mercado (da produção e do emprego) é determinado pela poupança efetivamente reaplicada no consumo e no investimento produtivo (e não em ativos financeiros do tipo roscagem sem fim).

□□□ Pela óptica keynesiana, numa economia capinanceira, como a brasileira, é possível faturar sem reaplicar. Ou vender sem recomprar. Nesse cenário, o monarca absoluto, déspota enrustido, chama-se taxa de juros. Que pode reinar para o bem e para o mal.

□□□ Para Keynes, o desemprego torna-se endêmico quando a economia, dopada por ganhos financeiros, se reequilibra nas areias movediças da recessão. Nesse estágio, o Estado deve entrar de sola e decretar a intervenção.